

A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO NA LÍNGUA BALANTA

24 - 14h00 - Térreo - Bloco 06 - Sala 21

Cleonice Candida GOMES (UCB / PG-UnB)

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e discutir a representação do sujeito na língua Balanta. A língua Balanta é uma língua do grupo Bak, que pertence à família (Oeste) Atlântica ou Senegalo-Guinea do Proto-Níger-Congo, sendo falada entre Casamansa, sul do Senegal, e o rio Geba, norte de Guiné-Bissau. O presente trabalho tem como ponto de partida as seguintes observações feitas por N'Diaye-Correard (1970): (i) a marca de concordância no verbo em Balanta é obrigatória quando o sujeito não figura na proposição; (ii) é facultativa quando o sujeito está expresso na proposição ou quando ocorre um pronome ou um anafórico, ou outros pronomes antes do verbo; (iii) com o sujeito na sentença, se houver marca de concordância no verbo, o sujeito recebe destaque na proposição. Esses fatos podem ser discutidos em termos do Parâmetro do Sujeito Nulo, formulado no âmbito da literatura Gerativa. A correlação entre a presença das marcas de pessoa no verbo e a realização fonológica do sujeito assume características interessantes no Balanta, particularmente no que se refere aos processos que dão relevo ao sujeito, bem como à ocorrência de um padrão misto na língua, a saber: se o verbo apresenta paradigma flexional, o sujeito pode ser nulo; se o verbo não apresenta marcas de concordância, o sujeito deve ter realização fonológica. Pretende-se, portanto, buscar uma explicação adequada para a representação do sujeito na língua Balanta e contribuir para a caracterização da Faculdade de Linguagem que compreende os aspectos universais da linguagem (Princípios) e atenta para a variação entre línguas (Parâmetros).

UMA ANÁLISE DE SUJEITOS GENÉRICOS NULOS DE 3ª PESSOA DO SINGULAR EM SENTENÇAS FINITAS RAÍZES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

24 - 14h30 - Térreo - Bloco 06 - Sala 21

Alberto GONÇALVES (PG - UFSC)

São analisadas construções impessoais/genéricas de 3ª pessoa do singular em sentenças finitas raízes declarativas sem *se* no português brasileiro, como mostra (1):

(1) Nos dias de hoje, não usa mais saia. (Galves 1987)

Parte-se da hipótese de que essas construções se originaram a partir daquelas com *se* indeterminador (cf. Nunes 1990). Mais do que isso, é sugerido que tais estruturas são somente possíveis em contextos cuja interpretação é *quasi*-universal e nunca *quasi*-existencial (no sentido utilizado em Cinque 1988 e Raposo & Uriagereka 1995), apresentando, portanto, restrições de uso relacionadas com o aspecto verbal, estrutura temática do verbo e restrição de escopo sobre o sujeito (cf. Cardinaletti & Starke 1994).

OBSERVAÇÕES SOBRE AS FORMAS DO COMPLEMENTO VERBAL NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

24 – 15h00 – Térreo - Bloco 06 - Sala 21

Sônia Maria Lazzarini CYRINO (UEL)
Ana Maria Zys BENVENUTTI (PG -UEL)

Muitos trabalhos em gramática gerativa têm privilegiado o estudo dos pronomes clíticos em relação à sintaxe da colocação e, também, ao seu desaparecimento no português brasileiro (PB). Este trabalho tem como objetivo observar, não só a ocorrência de clíticos em posição de complemento verbal, como também a realização de novas formas como o pronome lexical, o objeto nulo e as formas tônicas (para mim, para você, etc), em dados extraídos de peças teatrais dos séculos XVI a XX. Os resultados obtidos na amostra de 120 sentenças analisadas nesta pesquisa vêm confirmar ou de certo modo, reafirmar aquilo que outros estudos já demonstraram: as mudanças por que passa a língua portuguesa são evidenciadas em muitos dos aspectos investigados: há uma diminuição na ocorrência de clíticos de 3ª pessoa e o crescente uso de novas formas. A necessidade de se constatar, com segurança, os fatores que envolvem essas mudanças continua a incentivar as pesquisas em torno da história externa e interna do sistema lingüístico, na tentativa de registrar os momentos que caracterizam o surgimento de novos sistemas lingüísticos produzidos pelos falantes. Os primeiros resultados já mostram que o fator relevante para a realização do complemento verbal é a transitividade verbal. Este é um estudo preliminar, que pretende contribuir para uma visão mais detalhada da história do PB.

AS CONSTRUÇÕES DE SE COM INFINITIVO EM PB

24 – 15h30 – Térreo - Bloco 06 - Sala 21

Silvia Regina de Oliveira CAVALCANTE (PG – UNICAMP)

As construções de *se* com infinitivo nas línguas românicas diferem quanto a sua natureza sintática. Em Português, aparentemente, esse clítico pode ser licenciado em diferentes construções sintáticas dada a particularidade de ser uma língua de infinitivo flexionado. Em línguas como o Italiano ou o Espanhol, por exemplo, esse clítico não é licenciado com infinitivo a não ser que esteja numa posição que possa receber Caso Nominativo, como demonstram alguns trabalhos dentro da Teoria de Princípios e Parâmetros na sua versão conhecida como Government and Binding. Quando comparamos PB com PE verificamos que, apesar do infinitivo flexionado, há diferenças na aceitação das construções com *se* no infinitivo, isto é, enunciados aparentemente com a mesma estrutura sintática seriam permitidos em PE mas não em PB, o que nos faz acreditar que a estruturação das sentenças em PE e PB seja de natureza diferente. Por causa dessa diferença, acreditamos também que em determinados contextos em PB o clítico seria inserido para desambigüizar a interpretação da posição de sujeito nulo, como em:

- (1) O João é difícil de pagar
- (2) O João é difícil de se pagar.

Pretendemos neste trabalho apresentar os contextos sintáticos em que o *se* seria licenciado em PB tendo como pano de fundo dois fatores: (1) que enunciados são aceitáveis e (2) em que estruturas ele é licenciado. Este trabalho insere-se na minha pesquisa de Doutorado em Lingüística na Unicamp sob a orientação da Professora Charlotte Galves com bolsa da FAPESP.
